MPF
mocidade
portuguesa
feminina

JUNHO 1941

N.º 26

SUMÁRIO

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL // ASSINATURA AO ANO, 12$00 // PREÇO AVULSO, 1$00

GRANDESA E GLÓRIA DE SERVIR

ORA ouvi, ouvi hoje esta palavra de um romancista de quem tôdas gostais tanto — vós aquelas que já tendes idade, critério e orientação para lêrdes certa literatura. Ora ouvi lá:

«Não existem grandes destinos individuais. Só há grandeza quando se serve. Serve-se a sua família, a sua pátria, a ciência, um ideal — Deus».

Falou-vos Henri Bordeaux.

* * *

Há vinte séculos já Alguém tinha dito isto mesmo, mas ainda melhor, com mais vida, sobretudo com o exemplo vivo da sua mesma existência a comprová-lo absolutamente. Foi Cristo. E está lá no Evangelho. Falando de si, disse:

«Eu não vim para ser servido, mas para servir».

* * *

Tanta rapariga de agora não sabe em que há-de «matar o tempo». E para aí andam, a correr, atrás de tudo, sem nunca encontrarem ninguém, nem acabando sequer por se encontrarem a si mesmas. «Matam» o tempo e o tempo assim morto mata-as a elas...

«Matar o tempo» porque não se encontrou o seu lugar, a sua vocação, a sua missão...

Não se encontrou... Melhor: ainda não se quís encontrar... . mais fácil, na verdade, sonhar e divagar eternamente, por detrás das vidraças da nossa janela, a olhar o correr das núvens no céu do futuro, do que correr para dentro de casa — de casa... — ou descer à rua, onde nos esperam as grandes realidades da vida, da nossa vida, talvez simples, escondida, de cada dia: **o nosso dever.**

Saír de... nós. Ir... aos outros. Não fechar o mundo nas grades doiradas do nosso *eu*, da nossa pessoa...

Amar acima de tudo a linda liberdade de se estar sempre disponível para o serviço do grande mundo — quero dizer, de todos quantos precisem de nós.

Como é doloroso, sempre amargo, o viver emparedado a dentro dos muros do nosso pequenino mundo — o mundo estreito do nosso *eu!*

E quási sempre lá se morre sem nunca se ter chegado a ter descoberto a alegria plena de viver. Almas enjauladas, libertai-vos!

Vinde cá para fora: **servir!**

A linda liberdade de servir!

A linda alegria de servir!

* * *

E êste nosso tempo precisa tanto de almas disponíveis para todo o «servir»!

É quási só do que o mundo tem necessidade é de almas que se ponham ao incondicional serviço de tôda a fome e sêde de ideal, de justiça e de amor.

Almas prontas — livres. Almas que não respondem aos apêlos do dever, de todo e qualquer dever, com «*mas*» e com «*se*» — mas que partem logo para todo o serviço quando ouviram as vozes que comandam à consciência.

Serviço da mocidade — hoje, para o serviço de amanhã, na vida que Deus riscar.

A mocidade — escola dos lindos serviços em que se vão educando os inevitáveis egoismos desta idade para a vida estar a postos, quando soar a hora de partir, por altura dos vinte e tal anos, para o lar, para tôda a missão que Deus tiver escrito dentro da alma.

* * *

Ó Mocidade! rema agora a todo o custo — a servir — para o Além encoberto na bruma dos teus dezoito anos... Rema, a bom remar, à procura da alegria total e verdadeira do *Serviço* que vai ser, que há-de ser, a tua vida tôda.

G. A.

— FOTOGRAFIA DE M. RAMA DA SILVA —

SERVIR! AS FILIADAS DO CENTRO N.º 40 AJUDANDO AOS DOMINGOS AS «IRMÃZINHAS DOS POBRES» A CUIDAR DOS VELHINHOS DO ASILO DE CAMPOLIDE

Vida da Mocidade

Um domingo de Páscoa alegre

No passado Domingo de Páscoa a M. P. F. da Ala de Moura repetiu a sua iniciativa de oferecer às criancinhas pobres dessa vila um jantar preparado e servido pelas filiadas.

No magnifico edificio do Mercado Municipal, gentilmente cedido pelo ilustre Presidente do Município, realizou-se essa festa, a que uma banda de música e a presença das várias autoridades locais, deram especial relêvo.

Fôram contempladas 160 crianças de ambos os sexos, a 30 das quais fôram distribuidos bibes confeccionados, igualmente, pelas filiadas.

Durante a festa, que teve ainda a assistência de algumas centenas de pessoas, fôram entoados os hinos, Nacional e da Mocidade Portuguesa Feminina, encontrando-se o recinto vistosamente engalanado com colchas, plantas e muitas flores.

MOURA — UMA DAS MESAS DO ALMOÇO OFERECIDO ÀS CRIANÇAS PELA M. P. F.

Uma linda festa na Escola Patrício Prazeres

Pode-se dizer que por onde a M. P. F. passa, qualquer coisa de novo surge...

Um espirito novo e criador anima as almas e vêmo-las tomar pelo caminho dum ideal mais alto, buscando a Deus.

Festas como a que se realisou na Escola Patrício Prazeres no passado dia 17 de Abril — na qual se baptisaram 12 filiadas da M. P. F. e se crismaram 18 — são festas que não esquecem.

E não esquecem porque a sua alegria tem qualquer coisa de divino — e o que é divino é eterno.

Nada faltou para que a alegria fôsse perfeita.

A festa foi preparada com cuidado e carinho e esperada com anciedade.

Dignou-se ministrar os sacramentos do Baptismo e da Confirmação e celebrar o Santo Sacrifício o senhor Arcebispo de Mitilene, acolitado pelos Rev.mos Párocos das freguesias de S. Cristóvão e S. Lourenço.

A' Crisma, que teve lugar às 11 horas, assistiram Sua Ex.ª o senhor Presidente da República acompanhado de sua Esposa, Ministro da Educação Nacional, sub-secretário da Educação Nacional, Comissária Nacional da M. P. F. e suas Adjuntas, Representante da M. P., Director da Escola e Professores, D. Júlia Silveira Ramos, directora do Centro, etc., que, com a sua presença, deram a êste acto uma grande solenidade, sem no entanto lhe tirar o seu cunho de simplicidade — a simplicidade que foi o encanto especial de tôda esta festa de graça e brancura.

Um castelo de M. P. fez a guarda de honra ao senhor Presidente da República e as bandeiras da M. P. F. fizeram a guarda de honra ao altar.

Como é belo ver a *Mocidade* servir assim a Pátria e a Deus, pois essas bandeiras, que se inclinaram deante do primeiro representante da Nação e deante de Deus Nosso Senhor, saberão conservar-se levantadas, nas mãos firmes da *Mocidade*, deante dos homens e do mundo!

A festa terminou com um almôço.

A M. P. F. nas homenagens a SALAZAR

Portugal inteiro prestou, no dia 28 de Abril passado, homenagem ao senhor Dr. Oliveira Salazar.

A Mocidade Portuguesa Feminina não poderia ficar alheia a essa manifestação de confiança e reconhecimento que uniu em redor do Chefe do Govêrno o povo português.

O Terreiro do Paço encheu-se completamente, transbordante duma multidão que aclamou apoteoticamente Portugal e Salazar!

Mas embora o Terreiro do Paço tivesse ficado vazio, bastaria, para enchê-lo espiritualmente, o fervor entusiástico do grupo da M. P. F., que em face da janela onde o senhor Presidente do Conselho apareceu e falou, o contemplou e ouviu como quem via e escutava o homem que simbolisa Portugal!

Mas a M. P. F. não se quis contentar em tomar parte na manifestação do Terreiro do Paço. Seria pouco para o muito que o coração lhe pedia: mandou celebrar em todas as Delegacias e sub-Delegacias do país o Santo Sacrifício por intenção do senhor Presidente do Conselho.

Em todas essas missas foram pronunciadas homilias em que foi exaltada a obra de Salazar, numa homenagem justa ao seu espirito cristão e em acção de graças a Deus pelo muito que Portugal deve, depois de Deus, àquele a quem o Senhor confiou os destinos da nossa Pátria.

Assistiram à missa as Dirigentes da M. P. F. e numerosas filiadas. Junto ao altar as bandeiras e guiões pareciam orar também, rogando ao Senhor que proteja Portugal e ilumine e abençoe os seus governantes.

Sôbre o altar de Nossa Senhora a M. P. F. deixou ramos de rosas, preferindo fazê-lo a ir entrega-las ao senhor Dr. Oliveira Salazar, porque lhe pareceu que, colocadas aos pés da Padroeira de Portugal, elas não seriam apenas as flores dum dia, mas se transformariam em graças a cair do céu — rosas desfolhadas mas que não murcham...

Escola Patrício Prazeres. O Senhor Arcebispo de Mitilene numa das cerimónias do baptismo

Escola Patrício Prazeres. Um aspecto da Capela ao … nistrado o sacramento do Crisma

A M. P. F. no Terreiro do Paço quando da manifestação a Salazar

Raparigas e Rapazes de hoje

Eu creio que existe um grave mal-entendido entre as raparigas e os rapazes de hoje. Os rapazes são um pouco rudes, desprendidos, menos delicados, e duvido de que isto corresponda, por vezes, e sobretudo em alguns dêles, de fundo moral mais elevado, a uma realidade sincera.

Simplesmente, dentro do positivismo da época, receiam parecer sentimentais, temem o ridículo, não querem, como êles próprios dizem, «que os tomem por tolos». Receiam, até, a troça das raparigas. Estas, pelo seu lado, não desejam que as julguem antigas; aceitam e agravam, mesmo, esta feição de camaradagem brusca, tomam resolutamente o mesmo tom para não darem parte de fracas. E também, com raras excepções, não são sinceras. No fundo são boas, sensíveis, afectuosas, mas como há na mulher, realmente, certo poder de dissimulação, adoptam essa atitude moderna ainda com mais naturalidade do que os rapazes.

Julgo que êste mal-entendido da mocidade tem conseqüências importantes, porque se considero que o seu desprendimento, a sua aspereza são mais aparentes que verdadeiros, considero também que o hábito é uma segunda natureza, que pode, pouco a pouco, modificar e substituir a espontânea inclinação. Ora, na vida de família, desprendimento e aspereza são elementos perniciosos, que desfazem o encanto da vida em comum.

Podem julgar que vejo estas coisas com olhos de poeta e por isso fóra das realidades actuais. Creio que não. Aliás não sou só eu a vê-las assim.

Ninguém julgará que Paris, e uma revista literária e de elegancias, dedicada às raparigas, antes da guerra, revista que não era bem aceite nos meios católicos e por isso tanto mais insuspeita de parcialidade, seja demasiadamente rigorosa sôbre certos assuntos. Pois essa publicação, numa espécie de entrevista com uma rapariga moderna, continha um libelo composto de várias acusações aos rapazes, de que citarei apenas as mais brandas:

«São egoistas, falhos de entusiasmo, pouco atenciosos». Diz ainda a rapariga que as coisas mais puras, mais sagradas, não encontram neles outro éco senão o sarcasmo e um riso pesado. E a propósito conta a declaração feita a uma sua amiga por um rapaz de hoje: «Tens lindos olhos. Vou pedir a meu pai licença para casar contigo. Ele talvez não queira, porque se lhe meteu na cabeça que sou bastante bem para casar com uma rapariga rica. Enfim, veremos. De acôrdo?»

E ficou muito admirado quando ela, com voz sufocada, respondeu: — Não!

Provavelmente a rapariga gostava do rapaz e é possível, também que êle gostasse mais dela do que se poderia depreender das suas palavras mas... queria ser moderno ou tinha-se habituado a sê-lo.

A verdade é que há algumas feições da vida actual que não podem durar, porque os sentimentos naturais não se adaptam a elas. E muitos dos rapazes e das raparigas de hoje se vão convencendo disso.

A hora que atravessamos é terrível e dolorosa, mais do que nunca o homem e a mulher devem estimar-se e auxiliar-se para sofrerem com mais coragem as lutas e as dificuldades do nosso tempo.

O problema é complicado, porque é dever conservar o optimismo e a alegria — apanágios da mocidade — e banir as frivolidades inúteis de que se compunha a vida de muita gente moça.

O homem tem de ser, actualmente, lutador e corajoso, mas sem perder a delicadeza indispensável à sua vida de família. A mulher apesar do seu contacto com a vida social, não deve esquecer que acima de tudo está o seu lar, o seu marido, os seus filhos. O homem e a mulher são muito diferentes e por isso mesmo melhor se completam, se procurarem sinceramente entender-se.

André Maurois, numa conferência sôbre o casamento, aprecia essa irredutível diversidade de sentir e diz: «Quando uma mulher, interna dos hospitais, fala com seu marido, médico, em que é que os seus dois espíritos são diferentes? Nisto, simplesmente: um conserva-se masculino e o outro feminino». E conta, em apoio da sua opinião, a confidência duma rapariga, estudante de medicina, que lhe confessava: — Quando os meus camaradas homens têm um desgôsto, não deixam de ir vêr os seus doentes e de se ocupar dêles como de costume. Eu, quando me sinto verdadeiramente desgostosa, deito-me em cima da cama e choro. Não posso fazer outra coisa». E Maurois conclue: «As mulheres só podem viver felizes num mundo afectivo». E segundo êle pensa, isto é verdadeiro mesmo para aquelas que se distinguem nas ciências e nas artes e ainda para as que chegam a ser grandes chefes. A êste respeito cita a rainha Vitória, chefe admirável, que tratava muitas vezes os negócios de Estado como se fôssem os da sua casa e os conflitos europeus como questões de família. E assim, era com tôda a naturalidade que dizia ao imperador da Alemanha: «E' nesse tom que um neto deve escrever à sua avó?...»

Os rapazes e as raparigas de hoje têm de entender que há verdades eternas, que o tempo não modifica. E serão mais felizes se as aceitarem de boa vontade.

E podem fazê-lo perfeitamente, sem renuncia às vantagens que o seu tempo lhes oferece. Antes pelo contrário.

A rapariga de hoje, quási sempre instruida, muitas vezes com um curso superior, torna-se mais fàcilmente a camarada do homem, compreende melhor os assuntos que o interessam, as suas ambições, os seus trabalhos. Têm mais em que conversar, e a mulher não obriga o homem a falar com ela nos assuntos comesinhos da casa. Mas é conveniente que ela os não esqueça e dêles se ocupe quando seja necessário. O homem precisa também de não esquecer que esse companheiro intelectual, a quem comunica os seus projectos científicos, as suas ideias políticas ou as suas aspirações artísticas, é uma mulher, com o coração e a delicadeza femininos.

A rapariga carece de se lembrar, ainda que se tenha igualado ao homem na instrução e na inteligência, de que êle detesta que ela queira mostrar-se superior, impôr-se, e que quanto mais culta fôr mais êle apreciará encontrar da parte dela certa deferência pela sua opinião, certo acatamento, tácito que seja, da sua autoridade.

A união do homem e da mulher, nestas bases de compreensão moral, intelectual e afectiva, pode tornar-se admirável e feliz. Os rapazes e as raparigas de hoje podem realisar essa união, e possuir essa felicidade. A questão é entenderem-se e não julgarem que serem modernos é tratarem-se com desconsideração mutua, com afectada indiferença e com egoísmo postiço ou sincero.

O que é humano, o que é inteligente, é perceberem que nunca foi tão fácil como hoje tornarem-se companheiros leais e dedicados na luta da vida.

Maria de Carvalho

Cartas

Não se trata de cartas de jogar, hoje em dia tanto em voga. Não conheço os mistérios do **bridge**, e confesso que me causa pasmo como há pessoas que possam perder dias e noites consecutivas à mesa do jôgo; como todos os recreios, as cartas, devem ser **distracção, não ocupação.**

Escrever cartas! quem de nós está livre dessa obrigação?!... Cartas de parabéns, cartas de pêsames, cartas de negócio, ou cartas de amizade, elas não faltam na nossa vida!

Antes de mais nada, é tão freqüente pessoas não responderem a quem lhes escreve, desculpando-se com a falta de tempo! E afinal sei de pessoas que têm a vida sobrecarregadíssima e não deixam por isso de ter a correspondência em ordem.

Tôda a carta tem resposta; por isso arranjemos uns momentozinhos para essa obrigação.

O tempo bem ordenado dá para tudo.

Hoje em dia o estilo epistolar está um tanto abandonado. O tempo dá pouco para missivas longas e espirituosas.

A carta tem vários inimigos; o bilhete postal é tão cómodo, com três frases enchêmo-lo, e, se fôr ilustrado, com uma e meia.

Confesso que acho óptimo os postais para escrever recados ou mandar saüdades de qualquer sítio bonito. Mas não adoptemos em tudo o cartão telegráfico.

Inimigo das cartas é também o telefone, que hoje em dia é o traço de união entre famílias e pessoas amigas. É tão fácil um telefonema que muitos abusam dêle para contar a sua vida; todos sabemos a massada que é ligar-se para sítios onde o contínuo e irritante toque de «impedido» nos lembra que se está noivando por horas sem fim!

Raparigas Portuguesas, não deixeis, porém, de continuar a escrever cartas e fazei-o com graça e com ternura, como o faziam as vossas Avós, que não sabiam como vós escrever conferências, nem mesmo actas de reüniões, mas sabiam pôr a sua alma no papel que levava aos ausentes a sua saüdade sempre viva e o seu interêsse contínuo pela vida daqueles que a separação não tornara esquecidos.

Não deixemos afrouxar os laços íntimos dos corações por falta de correspondência; mantenhamo-nos sempre unidos pelas cartas amigas, em que podemos escrever sem preocupações de estilo, abrindo a nossa alma em desabafos que aliviam!

Saibamos tomar parte nas alegrias dos ausentes, endereçando palavras de parabéns. Os parabéns tão Portugueses!

Saibamos sobretudo escrever, àquêles que choram e sofrem, a palavrinha que, se nem sempre consola, ao menos conforta e ajuda nas horas cruéis da vida. Que a nossa pena tome o estilo que diz respeito ao género do que escrevemos e a quem o escrevemos.

Se fôr preciso dirigirmo-nos a um superior, não nos atrapalhemos e façamo-lo, sim, com respeito e fórmulas cerimoniosas, mas com simplicidade; e se tivermos que responder a um pobrezinho que nos pediu auxílio, aproveitemos para lhe dizer uma palavrinha de confôrto, e não apenas um sêco sim ou não.

Tôdas, ou a maioria de nós, lemos as cartas de Madame Sévigné, tão graciosamente escritas e cujo estilo inegualável as tornam modêlos no género. Muitas conhecem as cartas de S. Francisco de Sales, do P.e Didon, etc. tão naturais, tão encantadoras.

E na nossa literatura lemos com admiração as do P.e António Vieira, a Carta de guia de casados de D. Francisco Manuel de Melo e tantas outras; até, nos nossos dias, temos as Cartas dum Religioso, onde a sublimidade dos pensamentos é igualada pela perfeição do estilo.

Claro que não pretendemos que as nossas cartas passem à posteridade, mas, raparigas da Mocidade, não deixeis de cultivar êsse género epistolar tão próprio para nós, mulheres. Escrevei com graça feminina, com ternura feminina! Essas páginas que levam um pouco do vosso eu aos ausentes, enchei-as do perfume da vossa alegria de gente moça, da vossa inteligência tão cultivada e do vosso coração meigo de mulher Portuguesa.

V. P.

T A P E Ç A R I A

Tear de baixo-liço

História de Ester. Assuero entrega o anel a Mardoqueu. — Tapeçaria de Bruxelas dos meados do século XVI — Museu das Janelas Verdes

Tear de alto-liço

O termo tapeçaria, embora na generalidade possa ser aplicado a qualquer cobertura de parede ou de móvel, a bordados feitos em talagarça e até a tapetes, designa, na acepção mais completa, colgaduras historiadas com personagens, païsagens, motivos vegetalistas ou heráldicos, tecidas em teares manuais de alto e baixo liço.

As gravuras que ilustram esta página representam teares e oficinas de tapeçaria de alto e baixo liço, da Manufactura dos Gobelins, no século XVIII.

O tear de alto liço é constituido por dois cilindros paralelos, dispostos no plano vertical. Nesses cilindros, são presos os fios da teia ou urdidura em que o tapeceiro tece a tapeçaria, cobrindo-os com o fio da trama. Os cilindros são movidos por alavancas; no superior, chamado órgão, está enrolada a teia, no inferior, chamado rôlo, é enrolada a tapeçaria, à medida que vai sendo tecida.

O dispositivo que se vê por cima do tapeceiro, ao alcance da sua mão, chama-se liços e é constituido por uma série de laçadas de cordel que prendem, alternadamente, aos fios da teia. Manejando os liços com a mão esquerda, o tapeceiro abre intervalos na urdidura, por onde passa, com a mão direita, a canela com o fio da trama.

No tear de baixo liço o orgão e o rôlo estão colocados no plano horizontal e os liços presos a pedais ou premedeiras que o tapeceiro move com os pés, enquanto tece com as duas mãos. A' medida que a tecelagem progride, as passagens e repassagens do fio da trama são batidas com o pente.

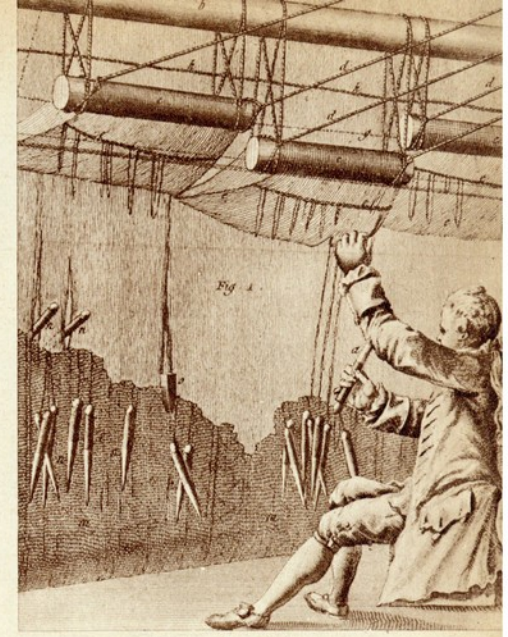
Tanto no alto como no baixo liço, o tapeceiro tece do avesso para o direito e no sentido da largura da composição, seguindo o modêlo ou debuxo da tapeçaria a executar, fornecido por um pintor. Os materiais de tecelagem são a lã e a sêda. Por vezes, os panos são enriquecidos com ouro e prata.

Os exemplares encontrados nos tumulos egipcios e as citações dos autores classicos são prova de que a arte da tapeçaria foi conhecida e apreciada desde remota antigüidade.

No Ocidente, embora existam exemplares de épocas anteriores, a história da tapeçaria começa no século XIV, com o aparecimento das oficinas da Flandres e do norte da França, regiões onde durante quatro séculos vão formar-se os principais centros de uma arte que pode ser considerada como essencialmente franco-flamenga.

As grandes oficinas do século XIV foram as de Arras e Paris, no século XV as de Arras Tournay e Bruxelas, atingindo estas últimas o apogeu durante o séc. XVI. No século XVII, com a criação da Manufactura dos Gobelins, em Paris, e da Manufactura de Beauvais, a França passa a ter a supremacia do fabrico que mantém até ao fim do século XVIII. Do século XIX até aos nossos dias, tem sido época de franca decadência na produção de tapeçaria. Ultimamente, a direcção da Manufactura dos Gobelins estava empenhada em fazer reviver essa sumptuosa arte decorativa, e enviou à Exposição de Nova York tapeçarias executadas segundo debuxos de artistas que orientam a pintura contemporânea como Picasso, Miro e outros.

Das oficinas flamengas e francesas, o fabrico da tapeçaria irradiou para os outros paises da Europa. Em Portugal houve uma oficina de tapeçaria, em Tavira, que funcionou de 1773 a 1783. Dos exemplares conhecidos, o de maior interêsse é a grande païsagem, com a marca de fabrico, pertencente ao Museu da Figueira da Foz.

Os assuntos representados em tapeçaria são multiplos, tanto religiosos como profanos. As Escrituras Sagradas, os autores classicos, as obras literárias contemporâneas, assim como factos históricos, foram, no decorrer de quatro séculos, traduzidos ao sabor das diferentes épocas, em decorações murais que serviam de cenário, por vezes magnifico, às festas e cerimónias religiosas e civis. As casas reais da Europa e também as grandes casas senhoreais tiveram riquissimas colecções de tapeçarias, sendo as mais célebres as que pertenceram às coroas de Espanha e da Austria, actualmente incorporadas nos museus dêsses paises.

Pela documentação conhecida, sabe-se que a Casa Real Portuguesa possuiu, desde o princípio do século XVI, uma rica colecção de tapeçarias. As vicissitudes porque passou o patrimonio artístico nacional reduziram a colecção do Estado Português a proporções modestas mas, existem ainda núcleos apreciáveis nos museus de Lamego e das Janelas Verdes, no Palàcio da Ajuda e no Museu Biblioteca da Casa de Bragança, em Vila Viçosa. Nos museus de Coimbra, Castelo Branco, Figueira da Foz, nos palácios nacionais de Sintra, Mafra, Necessidades e na Sé de Lisboa também se encontram tapeçarias.

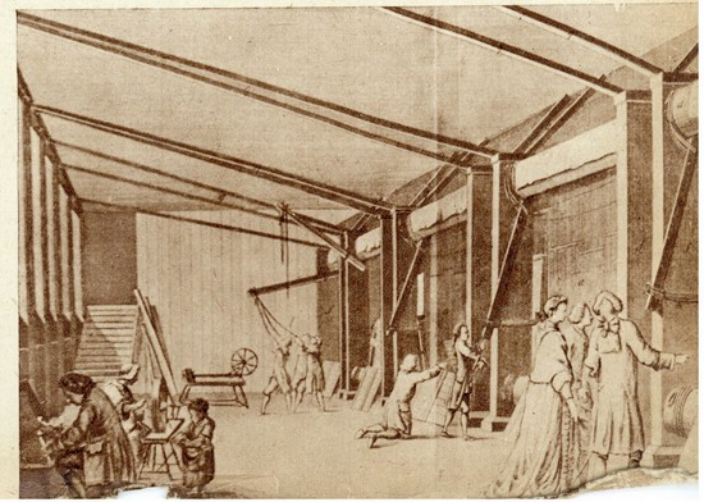
O pano, reproduzido nesta página, representa um passo do Antigo Testamento (Livro de Ester) em que se lê: «e no mesmo dia doou o rei Assuero à rainha Ester a casa de Aman inimigo dos judeus e Mardoqueu foi apresentado ao rei, porque Ester lhe tinha confessado que êle era seu tio paterno. E o rei tomou o anel que tinha mandado tirar a Aman e o deu a Mardoqueu». Na cêna que se desenrola á direita, Ester e Mardoqueu enviam cartas seladas com o anel real, suspendendo a matança dos judeus ordenada por Aman. O pano é um dos mais belos exemplares da colecção do Estado, sendo especialmente digna de nota a exuberante ornamentação da cercadura.

Maria José de Mendonça

Oficina de baixo-liço na manufactura dos Gobelins séc. XVIII

Oficina de alto-liço na manufactura dos Gobelins séc. XVIII

O que nós queremos que as nossas raparigas sejam

Foto Beleza Porto

Que o vosso sorriso traduza doçura e bondade — amabilidade do coração...

Que a graça do vosso sorriso seja um reflexo da graça de Deus...

2.º — AMÁVEIS

COMO disse no meu último artigo, a verdade não exclue a amabilidade. Para quem o é de coração, ser amável é uma maneira de ser verdadeiro. E só essa é que é amabilidade, porque eu falo da amabilidade sincera e não da amabilidade convencional. Falo da amabilidade que nos não deixa magoar seja quem fôr, da amabilidade que é vontade de fazer bem, que é tacto, que é amor do próximo. E' dessa amabilidade que o grande escritor católico inglês Belloc diz: «Cortezia é talvez menos do que coragem ou santidade. No entanto, penso que existe graça de Deus na cortezia».

Se todos devem ser amáveis, muito mais o deve ser uma mulher — porque a amabilidade até faz parte da graça feminina.

Não se compreende uma mulher que não seja amável. Nela a amabilidade toma muitos aspectos: é bondade, alegria, bom humor, dom de si mesma. E' muito mais ainda: é uma forma da caridade.

Só pela amabilidade é fecunda a acção de uma mulher. Há sempre duas maneiras de fazer as coisas: uma, violenta, que, de momento, parece dar resultado, mas que deixa sempre um rasto de má vontade que, mais tarde, inutiliza tudo quanto se fez. Outra, a maneira amável, que atrai e convence.

Julgo que é essa a maneira boa, a que consegue resultados definitivos.

Vocês, raparigas, vão ter de lidar com as mais novitas. Não lhes ocultem a amabilidade que a natureza vos deu. Deixem que essas pequeninas a sintam. Não se queiram impor pela dureza. Vocês não podem deixar de ser amigas delas; mostrem-lho. Vão para essas meúdas de braços abertos. Acolham-nas com o maior carinho, sempre; que elas sintam em vocês a protecção, a amizade que não cansa. Sejam para as mais novas um refúgio, sempre pronto, de ternura, de ensinamento — ensinamento que, quando é preciso, também sabe ser dado com firmeza.

Verão que é assim e só assim que se pode educar.

Hilda R. N. d'Almeida Corrêa de Barros

PAGINA DAS LUSITAS

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ...
O DIABO FEITO LOBO

ERA uma vez uma vèlhinha, muito vèlhinha que morava numa aldeola pobrissima na encosta duma serra agreste e alta. Era tão vèlhinha já, que se dizia que ela própria nem bem sabia a sua idade mas que passara os cem anos havia muito tempo. E todos naquela terra pobresinha gostavam de ouvir contar histórias de outros tempos, de outras gentes, de outros costumes... E a boa senhora Mariquinhas, rindo com a sua bôca desdentada, nunca se negava a isso. Muitos eram os serões de inverno, em que, no seu casebre desconjuntado, ouvindo soprar o vento frio da serra, ali se juntavam mulheres, homens e crianças, a ouvir com interêsse as histórias das fadas e dos lobishomens.

— Faz-me êste malvado vento recordar a história do *diabo-feito-lôbo...* — murmurou a snr.ª Mariquinhas numa noite de Janeiro, fria e áspera como poucas.

— Ai ao pé da sua rica brazêra, Ti'Mariquinhas, esquece a gente o frio mail'a neve... — disse um.

— Comece vómecê a sua história, ande lá — pediu outro.

— Par'quê, vómecês não acarditam... — retorquiu a vèlhinha, meio zangada.

O vento assobiava pelas frinchas...

— Ande lá, Tiasinha, dêxe-a falar e conte vómecê.

— Era numa noite como esta, *tali quáli,* que o mê Pae ouviu uivar por 'qui o diabo-feito-lobo.

— E como é que o sê pae sabia que era o diabo?? — preguntou um petiz, admirado.

A sua Mariquinhas ralhou:

— Com'é que a gente sabe isso, cachopo? Sabe-se, pronto. E o bicho uivava, uivava... Mê Pai poz a cabeça ao postigo, p'ra vêr se o lobrigava mas cahi'a noite mais negra qu'a um breu nan s'enxergava nada. Mas d'ai a pedaço o mê irmão, qu'era mais esperto q'um alho, disse para a gente: ê cà oiço o sopro do bicho. Anda por qui farejar, e se topa o borreguiño que nasceu honte, leva-o para o inferno consigo! Mê Pai gritou: Nan no há-de levar, ou nan me chame eu Zé «Valente», e mê pai saiu a tôda a pressa, com o cajado grande que até tinha um espeto de ferro. E a noite passou, passou...

— E o seu pae? — perguntaram.

— Mê pai não voltava. Só s'ouvia o vento a assobiar... E a gente tinha o coração mais apertado e encolhido que um figuinho passado!

— Credo! — suspirou uma mulher.

— Mas quando já era mais de meia noite, e parecia que abrandava a tormenta, sentindo falar já perto da porta, o mê pai entrou com um sujeito alto e loiro, mais lindo que um serafim! — e a senhora Mariquinhas ficou-se a sorrir de mãos postas.

— Quem era a creatura?! — perguntou um homem.

— Se vomecês nan fôssem uns herejes, dizia-lhes quem era; mas... nan s'acarditam!

— Diga, diga! — pediram muitas vozes.

— Pois fiquem sabendo que ninguém me tira da cabeça que era um Anjo do Céu!!

— Ohhh! — exclamaram todos, benzendo-se.

— O mê pae então contou à gente que aquelle rapaz loiro que trazia uns olicos de ouro (era tão lindo!) parecia andar perdido p'la serra quando mê pae passou por elle, a correr atrás do diabo-feito-lôbo con o cacete. Surgira por traz da Rocha de dois bicos, sabeis?

— Quem não n'a conhece?

— Pois assim foi. Surgiu o Anjo a olhar p'ró mê Pae que Deus tem, e o certo é...

— E o diabo-feito-lôbo? — tornou o petiz.

— Foi pez que se derreteu! — exclamou a senhora Mariquinhas, triunfante. — Pois se o homi era um Anjo, já vêdes que o diabo tinha de se sumir nas profundas...

— Elle sempre há coisas... — murmurou uma mulher, benzendo-se,

— E o diabo-feito-lôbo nunca mais apareceu? — perguntou um rapaz.

— O mê Pae — continuou a velhota — depois do Anjo s'ir embora, na outra manhã, resolveu ir em busca do bicho maldito. Armou a caçadeira e meteu-se p'la serra. Mas vem a noite e nada! Mê pae já dizia: — Morreu o estafermo!

Mas quando vinha a chegar ao casebre, viu luzir no chão uns olhos que nem lumes! Apontou a arma... e puxou o gatilho!

— Era o lôbo? — gritou o petiz.

— Escuta menino! — tornou a velhota. — Os olhos continuavam a luzir; e o mê pae ficou-se a coçar a cabeça e a resmungar (que a gente até o ouviu) — hom'essa! Serás tu o *diabo-feito lôbo* que aqui me vens a tentar? Sume-te, creatura! — e recolheu-se ao casebre.

— E depois? — perguntaram.

— Na madrugada seguinte, mê Pae alivantou-se de mansinho e foi esprêtar ao postigo.

E sabeis o que elle viu no próprio sitio onde luziam os olhos do lôbo na noite antes?

— O que foi? O que foi?

— Ora nem mais nem menos do que os olicos de ouro do Anjo!! E ninguém me tira da cabeça, gentes, que aquillo foi mesmo o Anjo que os ali os pôs para afugentar o diabo!

— E vocemecê ainda tem êsses óculos? — perguntou um homem, cismático.

A senhora Mariquinhas abanou tristemente a cabeça:

— Olha, Zé, levou-m'os um dia o meu mano quando foi p'ró Brasil. Dizia elle que se via por aqueles vidros encantados êste mundo e o outro, louvado seja Deus!

A coragem de Teresa Telles

Jim tentou ainda, com o seu companheiro, e a-pesar do braço partido, desprender o avião do outro, para melhor, se aproximar de Ruby em quem êle já reconhecera com horror o seu colega Rob, o az de Ohio!

Que vergonha para a aviação que heróis, como eram aqueles dois homens, se entregassem à rapina e ao banditismo! Qualquer coisa de estranho, porém, se estava passando na avioneta de Ruby... Pelos gestos bruscos do aviador-bandido, Jim viu que êle enfiava no pequeno Rosing um pára-quedas: e, de repente, agarrando na criança, atirou-a para o espaço...

Minutos depois, uma grossa coluna de fogo e fumo subia em espiral do avião de Ruby, transformado numa gigantesca tocha...

Jim, profundamente impressionado, com as lágrimas a cobrir-lhe a cara, disse ao seu companheiro:

— Incendiou o avião, para que o não reconhecessem!

— Vamos descer de-pressa — respondeu o aviador — quem sabe se o petiz não chegaria vivo ao chão?

Desceram ràpidamente, em parafuso. Mas no chão pedregoso não encontraram já ninguém! ¿Onde teriam caído os dois gangsters? ¿Onde estaria o pobre Pete Rosing, embrulhado no seu pára-quedas?

*Jim e o seu companheiro ficaram-se, de cabeça descoberta, a ver consumir-se o avião de Rob; e, durante uns minutos, nada puderam dizer, tão grande era a comoção. Pouco depois, os destroços do avião vieram cair perto dêles com o cadáver do aviador-*gangster *completamente carbonizado.*

CAPÍTULO IX

Quando Teresa se achou à entrada do campo de aviação de Michigan, não podia crer na sua felicidade. E, apesar do barulho ensurdecedor do motor, exclamou de rijo para ser ouvida pela boa Miss Holly:

— Ah, ¿como poderei agradecer-lhe?!

A aviadora sorriu, satisfeita. E, falando ao porta-voz, disse:

— Não é prudente eu aterrar consigo; os seus gangsters *podem ter telefonado para o campo.*

— E' verdade! — respondeu Teresa.

— Tenho uma casa amiga para onde vou na Broad Street *n.º 15; vou deixá-la em qualquer sítio, e meta-se num táxi para lá. ¿Tem dinheiro?*

— Nada — disse Teresa.

— Isso é o menos; aqui o tem, e daqui a duas horas eu estou lá também.

Meg Holly desceu suavemente, com a perícia inexcedível das aviadoras inglêsas; abraçou Teresa e ia deixá-la, quando reparou... que a rapariga estava vestida de cow-boy!

— Não é bôa idea, Miss Holly — observou o mecânico — mas está ali a saia de Miss Holly e a gabardine, sabe?

— Que bela coisa! — tornou a inglêsa. — Vista-se depressa, mesmo por cima disso tudo, e chame já o primeiro táxi que encontrar.

Teresa enfiou o fato e beijou nas duas faces a sua generosa salvadora; o avião descolou e começou a subir devagarinho, enquanto a rapariga se pôs a caminho pela estrada, a passos apressados.

Felizmente, teve só de andar meia hora; e, graças à gabardine de Meg Holly, ninguém reparou nela. Um táxi depressa a pôs em Broad Street, *onde o nome da simpática aviadora logo lhe abriu tôdas as portas.*

Teresa, estafada de corpo e de espirito, deitou-se sôbre a cama e adormeceu profundamente. Quando, horas depois, acordou, ouviu vozes alegres e vibrantes rindo e conversando. Lavou-se, penteou-se, e dirigiu-se à pequena sala onde Meholly, num grupo de pessoas amigas, a acolheu afectuosamente. A aventura da jovem portuguesa foi descripta e comentada com simpatia por todos.

De repente, porém, um dos aviadores exclamou, tirando da algibeira um jornal.

— Mas olhem que Miss Teles está acu-

sada de cumplicidade no rapto do garoto Rosing!

E será seu parente um tal Manuel, preso há já muitos dias?

A infeliz Teresa nem poude responder deixando-se cair sôbre uma poltrona leu ávidamente as tristes noticias e chorou de desespêro. A quem recorrer? Não conhecia ninguém em Michigan, não tinha dinheiro, não sabia do pae...

Tentara telefonar para a morada de Cleveland: A telefonadela ficara sem resposta! Mas Teresa nunca perdia a coragem.

Lembrou-se então dos bons amigos Martin-John e Mabel—e resolveu, d'acordo com a aviadora inglêsa a quem já tanto devia, telegrafar a John Martin pedindo-lhe para vir ter com ela o mais depressa possivel.

Ao voltar para o seu quarto, depois duma refeição sumária, e tudo a expensas da boa Mey Holly, que horrivel impressão a esperava!

Sôbre a mesa de cabeceira estava um grande papel com as seguintes linhas:

Não a perco de vista! ou vem comigo ou vae presa.

Allan Tregor

Teresa ficou aterrada. Mas quando mostrou a Meg e aos seus amigos a ameaça assustadora, todos a acalmaram, garantindo-lhe a protecção emquanto não chegasse John Martin. E, logo na manhã seguinte, aparecia John com sua irmã Mabel, agradecendo efusivamente a Meg Holly tudo o que fizera pela pobre Teresa, partiram com ela para a sua casa de Cleveland, para tentar descobrir o paradeiro de Jacinto.

. . . .

Ao cairem com os paraquedas por trás da colina, o aviador-bandido Jack Moore e o seu mecânico, viram o pobre Pete, meio morto, deitado no chão pedregoso, um fio de sangue escorrendo-lhe da testa, os olhos abertos numa expressão de terror...

— E' melhor fugirmos e abandonar o Pete — disse o mecânico friamente.

— Estás doido? — gritou Jack Moore. — Se lhes não levamos o Pete, lá se vai o dinheiro do resgate e olha que não ficamos em bons lençoes... Vamos pegar no fedelho e ver se nos abrigamos em qualquer sitio.

— Mas o que diremos a quem nos der abrigo? — tornou o mecânico, emquanto Jack Moore se desembaraçava do paraquedas e pegava na desgraçada creança, agora desmaida de todo.

— Toca a andar. Somos uns aviadores inglêses, o petiz é meu filho, e fomos forçados a atirar-nos por se incendiar o avião. Vamos a caminho do Far-West, onde eu tenho um parente.

E através da noite escura começaram a correr.

— Vejo luzes ao longe: parece um acampamento! — disse Jack Moore.

E era, de facto, um acampamento de escoteiros, a quem foram pedir que os acolhessem contando em rápidas e poucas palavras a sua história.

Os rapazes que estavam de vigilia imediatamente os receberam; e vendo o pequeno Rosing desfalecido nos braços de Jack Moore, perguntaram:

— Está morto? Coitadinho! tão bonito!

— Desmaiou ao cair do avião; se houvesse um médico no acampamento era bem bom — respondeu o aviador.

— Temos cá um estudante de medicina. vou chamá-lo já — disse um dos rapazes correndo para a barraca maior, enquanto os outros se encaminhavam para o hospital improvisado noutra barraca.

Mas quando o estudante viu e apalpou o pobre Pete abanou tristemente a cabeça e declarou:

— Nada posso fazer aqui. Precisa já de gêlo na testa e outros cuidados mutio sérios... Deve ter uma febre cerebral gravissima; e cada minuto que passa...

— Mas então?? — perguntou Jack, impaciente.

— A única coisa a fazer — tornou o estudante — é levál-o na motocyclette para o hospital de Merrywood que fica a 2 kilómetros do acampamento.

— Vamos já—disse o aviador— e agradeço o empréstimo da moto: deixo-a depois no hospital.

Momentos depois, num estrepitar barulhento, sumia-se pela estrada fora a motocyclette que levava os dois homens e a creança moribunda.

Os escoteiros entre-olharam-se, admirados; e um deles disse, pensativo:

— Tudo isto é tão esquisito... O pae não parecia nada aflito com a doença do pequenino!

— Se não fôsse para salvar o pequeno nem deviamos ter emprestado a nossa moto... — disse outro.

O estudante médico observou, de repente:

— E se êste pequeno fôsse raptado??

— Raptado?!!

No acampamento, agora, acabara o descanço noturno; e junto aos rapazes surgia um dos escoteiros-chefes, achando insólita aquela conversa.

E quando lhe contaram o que acabara de suceder, o escoteiro-chefe bateu na testa e disse:

— E quem sabe se êste pobre petiz será o tal filho do banqueiro? De que os jornais de hontem estão cheios, e que uns bandidos raptaram com uma audácia extraordinária?!

— O estudante lembrou:

— Podiamos telegrafar já para o banqueiro, dizendo-lhe para vir ao Hospital de Merrywood ver se é o filho que lá está!

E o próprio estudante, numa bicyclette, chegava breve ao telégrafo de Merrywood e expedia o seguinte telegrama:

Mr. Rosing Cleveland
Venha Hospital Merrywood ver creança doente — talvez seu filho.
Escoteiros Merrywood

Quando, dai a quatro horas, um possante Rolls Roice entrou no jardim do Hospital de Merrywood, foi a correr que o sr. Rosing, a mulher e a creada Nanny, se precipitaram para a entrada, escandalizando e indignando a enfermeira.

— Deixe-me passar — disse-lhe o banqueiro empurrando-a.

— Quero ver a creança que entrou esta noite muito doente.

Mrs. Rosing e Nanny choravam.

— Mas o senhor quem é? Está lá o pae com êle e não posso deixar entrar ninguém — respondeu a enfermeira, com energia.

— Deixe-me só espreitar para ver se é ou não o nosso menino — acudiu Nanny, enfiando pelo corredor a tôda a pressa, e abrindo ao acaso a porta do fundo donde partiam gemidos dolorosos.

— Ah Pete, meu adorado Pete! — soluçava a pobre mulher junto à cama do pequenito, emquanto Jack Moore, abrindo sem ruido a janela, se atirava para o jardim e desaparecia socegadamente.

Já os paes Rosing estavam junto à cama do adorado filho e não se cançavam de olhar a sua carinha pálida.

Mas ninguém conseguira descobrir e prender os aviadores, fugidos rápidamente na motocyclette dos escoteiros.

. . . .

Emquanto se davam êstes graves acontecimentos Mabel Martin, resolvera aplicar a sua inteligência na descoberta da mulher misteriosa que fôra chamar a Nanny, e que se dizia ser Teresa. Não era Teresa a irmã do seu querido Manuel, com quem ela queria casar? E não era também Teresa adorada pelo seu irmão que via nela tôdas as perfeições?

Mabel tinha uma idea... E não a disse a ninguém. Dirigiu-se a casa do banqueiro, poucas horas antes de a receber o telegrama dos escoteiros e pediu para falar à menina mais velha mesmo diante dos paes. Marjorie admirou-se e declarou:

— Não conheço essa Miss Martin e não tenho nada a dizer-lhe.

Mas Mabel insistiu tanto que a própria Nanny veio falar-lhe.

Mabel, então, explicou-lhe:

— Os jornais disseram que Marjorie estava a tirar retratos quando a tal mulher veiu chamá-la a si. Não poderia eu ter essa bobine e revelá-la já?

— Quem sabe se não está ai a prova da inocência de Teresa?

Nanny murmurou:

— Já me fartei de dizer que não foi Teresa que veio; mas não fizeram caso do que eu disse. Marjorie, quer dar a bobine a Miss Martin?

— Vou buscá-la — respondeu Marjorie.

E que triunfo para Mabel depois de se fechar na câmara escura e de ter revelado a bobine: no cliché via-se ao lado de Pete, junto ao portão do Parque Rosing uma mulher muito mais alta do que Teresa e que nada se parecia com ela!

— Teresa! John! — gritou Mabel correndo com as chapas encharcadas na mão — vejam, vejam! está aqui a prova evidente que não fôste tu, querida Teresa, quem levou o petiz!

Abraçaram-se, radiantes; e John começou logo nesse dia, a tratar de esclarecer, na policia e no tribunal, o complicado processo.

Manuel foi posto em liberdade e levou a irmã para junto de Jacinto recolhido em casa do patricio jardineiro desde que êle fôra prêso.

E o bom Jacinto, agora, só tinha um pensamento, um desejo, uma aspiração: voltar para terras portuguesas! Regressar às Ilhas verdejantes e calmas, onde sempre vivera sem agitações, sem raptos, sem processos, sem gangsters.

— Senhor Telles — interveiu John Martin, ao ouvir o desabafo do açoreano — deixa-me casar com Teresa?

— Pae — exclamou Manuel, pegando na mão de Mabel — deixa-me casar com Mabel?

Jacinto, comovido, olhava sorrindo os dois pares encantadores;

— Mas ponho nisso uma condição, meus filhos — disse êle, depois dum movimento.— E' que só em terra portuguesa irão passar a lua de mel! Uma saúde a todos com o nosso vinho do Porto!

Radiantes, e já quási esquecidos dos trágicos acontecimentos, Manuel e Mabel Teresa e John, encheram os cálices do precioso nectar português, e ergueram-nos gritando com alegria:

— Hip! Hip! Hip! Hurrah!

. . . .

Pete Rosing curou-se completamente; e quando os paes lhe disseram que a sua criada Teresa, a corajosa rapariga que tantas aflições passara no meio dos bandidos, ia casar, quis mandar-lhe uma prenda: e essa prenda foi um cheque de mil dolares!

A policia descobriu a quadrilha de Joey, fechando o Banco Margol e prendendo Joey e todos os empregados; mas não conseguiu apanhar Allan Tregor, desaparecido misteriosamente do Estado de Ohio...

Um dia, porém, anos depois no assalto a um Banco de Chicago, viu-se um homem ruivo em luta com a policia: e acabou por cair sob os tiros, verificando-se, depois, que era Allan Trefor. Jack Moore, o aviador-bandido, morreu trágicamente, num acidente de avião.

FIM

ARMARIOS

Para que na nossa casa exista confôrto e bem estar é necessário que tudo esteja em ordem.

A noção da ordem na vida doméstica é ainda hoje aquela que nos deu Xenefon, já lá vão quási 2.500 anos, pois êste filósofo grego viveu 550 anos antes de Cristo: «um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar»; mas para que esta ordem exista, é necessário possuir os meios de a manter.

Por exemplo: despe-se o vestido com que se saiu à rua, tira-se o chapéu, as luvas, etc. Seria uma desordem deixar estes objectos abandonados sôbre as cadeiras, a cama, etc.; deve-se guardar tudo, mas, para isso, é necessário ter aonde. Um bom armário onde se arrecade tudo.

Há pessoas que ao escolherem os móveis esquecem o fim a que êles se destinam. E compram móveis muito bonitos mas quási inúteis. Não façamos assim.

Na escolha dos móveis atendamos à sua utilidade: que neles possa haver um lugar para cada coisa, para que cada coisa possa estar no seu lugar.

Antigamente a roupa de casa guardava-se quási sempre em arcas ou malas. Hoje as donas de casa dão preferência aos armários, grandes roupeiros onde tudo fica em ordem e à vontade.

E a propósito de armários para roupas de casa, quero dar-vos alguns conselhos:

1.º — Os armários devem colocar-se em lugar sêco por causa da humidade que estraga a roupa, a enche de caruncho.

2.º — E' necessário arejá-los de vez em quando, escolhendo para isso um dia de sol.

3.º — Não se deve guardar a roupa logo imediatamente a seguir a ter sido passada a ferro, porque pode estar ainda húmida. Deixam-se passar algumas horas depois de engomada.

4.º — Nunca se deve meter no armário roupa já servida e enxovalhada, embora possa servir ainda outra vez. Guarda-se noutro lugar, reservando-se o armário exclusivamente para a roupa ainda por servir.

5.º — A roupa põe-se separada por qualidades: lençóis sobre lençóis, toalhas sôbre toalhas, etc. e cada qualidade de roupa deve ter sido dobrada de modo a ficar com as mesmas dimensões (na medida do possivel).

6.º — A roupa que se guarda por último deve colocar-se por baixo da roupa que já se encontrava no armário, de contrário, como habitualmente se tira a roupa que se encontra em cima, andaria sempre a mesma a uso e é bom que se reveze.

7.º — A roupa de que nos servimos com mais freqüência deve ficar mais à mão.

8.º — Todos os anos se deve passar revista a tôda a roupa guardada no armário. Tirá-la para fora, pô-la ao sol e se estiver amarela passá-la por água.

TRABALHOS DE MÃOS

BLUSA DE LINHO

Esta graciosa blusa em linho branco, bordada em género Viana, fará com certeza o encanto de muitas filiadas da M. P. F.

E' fresca, alegre, original.

As fôlhas são bordadas em algodão perlé verde, e as flores, umas, em dois tons azul, e, outras, em 2 tons de côr de rosa (quási vermelho).

Os botões são de vidro com flores nos tons do bordado.

NOTA: — Podemos fornecer o molde da blusa e o desenho do bordado por 7$

FOTOGRAFIA DE ROCHA BRITO

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

"DEUS E A NATUREZA"

Contemplo, penso e sorriu-me.

Ante os meus olhos paira a Maravilha e o Encanto.

Muito alto, as nuvens aglomeram-se como flocos de sêda emaranhados, encastelados, arremetendo-se uns contra os outros para, em seguida, se estenderem, afastarem e, por fim, desvanecerem-se.

O céu, ao longe junta-se com o azul do mar, formando um manto muito lindo, muito lindo!... Manto encantador da mais terna côr, do mais fino tecido, vem terminar nas areias de veludo das praias de ouro, onde se adoçam as cóleras ásperas do grande Atlântico.

E eu, contemplo, penso e sorriu-me. Ali, o campo florido e belo: árvoras potentes e seculares sustentam garbosas a copa verde e reluzente; pertinho, em sua sombra, a ervinha rasteira proclama surdamente a sua presença enfeitando as filhás — flôres — com os mais lindos vestidos de garridas e variadas côres; e elas endireitam-se nos tronquinhos débeis. Querem crescer, crescer — tocar o céu!...

E eu contemplo, penso e sorriu-me... Mais ao longe, um monte parece querer alcançar o céu; urzes e estepes sobem-no, umas atrás das outras, muito unidas, tôdas unidinhas no mesmo desejo — tocar o céu!...

Um rebanho passa, as ovelhas roendo as ervinhas correm; marram-se e continuam juntas, muito juntinhas o seu caminho.

Um gorgeio chega até mim. Dois pardalitos saltitam. Brincam. Correm um atrás do outro, Cruzam os biquitos. Juntam-se a um bando que passa e, gorgeando, afastam-se para muito longe e quási a tocar o céu!... E eu, contemplo, penso e sorriu-me: — porque me sinto feliz em poder admirar e embrenhar-me em tudo o que me rodeia levando meu pensamento e meu amor até Deus, como os pardalitos a tocar o céu!...

E eu, contemplo e penso, sim, penso quão bela e quão perfeita é a Natureza. Penso Naquele Creador Omnipotente que a fez incomparável.

Êle é a perfeição, a elevação, o amparo, o confôrto, a paz, o amor, o Paraíso das almas que Êle criou, que Êle compôs com Suas benignas mãos. Numa palavra: Êle é um Ser, um Espírito de Bondade. Tudo é d'Êle e tudo está n'Êle.

Êle ama-nos. Todo o calor do seu peito irradia sôbre nós com mais intensidade do que o do próprio Sol que desgrenha nas alturas a cabeleira fulva de donzel glorioso. Seria tão bom amá-lo, assim e ainda mais!... E eu penso, contemplo e choro de tristeza pelas injustiças feitas a Êle!

Volto o rosto, vejo a obra do homem: ela é boa e grande mas, mesmo essa, é obra de Deus, que dotou o homem, se assim não fôsse, o homem... afinal também não existia.

Maria Eduarda Sancho Nobre

Filiada n.º 10894 — Centro 1 — Ala 1 — Delegacia do Algarve

PROFISSÃO DE FÉ

Hortense César — Filiada n.º 211 — Centro n.º 1

I

Foi num dia de Julho, explendoroso,
Que uma amiguinha veio convidar-me
Para um passeio belo, apetitoso,
Convite a que não soube recusar-me.
Lá fomos para o campo, de jornada,
(Talvez mesmo sem dar pelo calor...)
E foi então que entrevi, deslumbrada,
[illegible] quadro singelo, encantador:

II

[illegible] brilhante, ilu[illegible]inava
[illegible]os de seara[illegible] lindas,
[illegible]sinh[illegible] acarinhava,
[illegible]dades infindas!...
[illegible]e, mais distante,
[illegible] abandonar os campos d'ouro,
[illegible]ousar numa fonte cantante
[illegible]recia a sorrir, o seu tesouro!

III

Elevei-o ao ar, onde andorinhas,
Passavam chilreando alegremente,
Albergando nas suas almazinhas
Uma alegria pura e inocente.
Emoldurando aquele quadro lindo,
Aquela vista, assim rústica e bela,
O céu azul, misterioso, infindo,
Punha a nota final na aguarela...

IV

Enquanto olhava a subtil paisagem,
Dava largas aos pensamentos meus
Que me levavam — divina miragem —
Até ao céu, até junto de Deus!
Oh, como neste mundo pode haver
Quem não veja que obra de tal valor,
Só Deus a poderia conceber
Porque só Deus tem poder criador!

V

E mesmo ali, rezei uma oração,
Uma oração singela, mas ardente;
Nela, puz, confiada, o coração
E a ternura que encerra uma alma crente,
Nela, pedi, com transporte, ao Senhor,
Que olhasse aqueles que nada disto vêm
E que a sorrir, mandasse o seu amor
Aos pobres infelizes que não crêm!